

### **Eixo Temático**

#### **4. Educação do Campo e Trabalho Docente**

### **Título**

## **EDUCAÇÃO AGROECOLÓGICA PELO VIÉS LIBERTADOR: PERCEPÇÃO DE PROFESSORES DE UMA ESCOLA RURAL NO AGRESTE SERGIPANO QUANTO À ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL**

### **Autor(es)**

Matos, J.  
Maroti, P.S.

### **Instituição**

Bióloga, UFS, São Cristóvão, SE  
Biólogo, Prof. Adjunto, LEDUCARR/UFRR

### **E-mail**

paulo.maroti@ufr.br

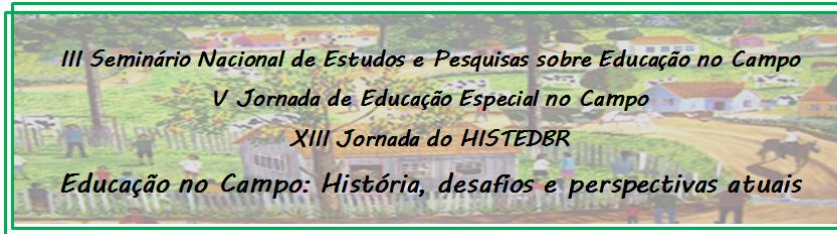
### **Palavras-chave**

Pesquisa-Ação-Participante; Escola Rural e Mapas Mentais

### **Resumo**

O presente trabalho tem como objetivo realizar levantamento perceptivo de professores que lecionam na escola rural do Povoado Mangabeira, município de Itabaiana -SE, quanto a alimentação saudável dentro do contexto da escola e do povoado. A metodologia adotada consistiu na pesquisa-ação-participante e buscou promover a reflexão sobre a realidade do docente e sua atuação, levando até eles possíveis ferramentas e conteúdos adicionais, visando uma atuação para transformação com enfoque nas práticas agroecológicas para a alimentação saudável dos alunos. A Escola Rural do Povoado Mangabeira funciona em dois turnos, com aulas para as turmas do 2º, 3º ano e do “Se liga” pela manhã e para as turmas do 1º e 4º ano no período da tarde, havendo uma professora responsável para cada turma. A escola assiste a 83 estudantes, com idade entre 6 e 15 anos. O planejamento metodológico da pesquisa segue as etapas da pesquisa-ação-participante tendo sido dividido em dois momentos distintos a saber: três encontros de inserção e levantamento de dados, denominados de problematização e dois encontros para oficinas. Nesses encontros buscou-se a intercalação de diferentes momentos às três etapas da pesquisa-ação-participante, fazendo adaptações de acordo com nossa realidade. Para os momentos de problematização foram utilizados o DRP

**www.semgepec.ufscar.br**  
**27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



(Diagnóstico Rápido Participativo) assim como os mapas mentais e entrevistas semi-estruturadas, visando se o entendimento da percepção desses atores quanto à temática da pesquisa. Perfil dos atores sociais: o grupo é composto por cinco professoras, todas do sexo feminino e conta também com a participação, de forma mais esporádica, da diretora da escola. Todas as professoras desenvolvem suas atividades profissionais no ensino fundamental, divididas no turno da manhã e da tarde. Do universo de cinco professoras, quatro tem formação em Pedagogia e uma em Ciências Biológicas, formação também da diretora da escola. Todas são profissionais polivalentes. Os resultados dos mapas mentais tanto das escolas como da comunidade denotam o empoderamento/pertencimento destes atores sociais ao local de trabalho e de sobrevivência representados por *landmarks*. Quanto a percepção da alimentação saudável e hábitos agroecológicos, fica claro a preocupação dos professores quanto a alimentação adotada (pouco saudável) onde na merenda, nenhum gênero produzido no povoado é utilizado na merenda, denotando descontextualização da realidade local vivida pelas crianças onde se produz gêneros alimentícios (agricultura familiar). O cardápio diário da escola é enviado pela Secretaria da Educação (capital Aracaju). Foram desenvolvidas algumas oficinas visando a divulgação de hábitos saudáveis para a produção de alimentos para a merenda, tendo as professoras participado da atividade.

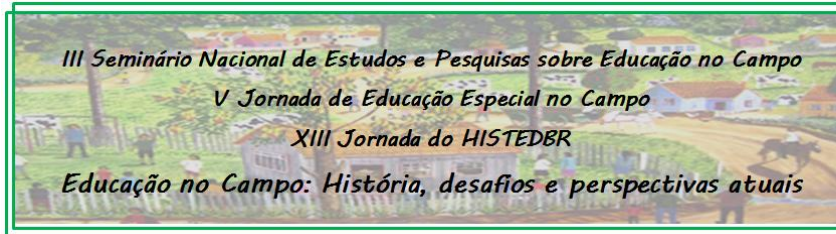
### Texto Completo

A agroecologia é uma ciência dialética e o caminho mais racional para a produção de alimentos limpos. Essa é a frase que inicia o livro de Machado & Machado Filho (2014), que complementa...

A agroecologia como uma ciência racional implica, axiomáticamente, raciocínio e cérebro tendo as decisões alicerçadas na pesquisa e principalmente nos saberes consagrados pela prática, pois teoria sem prática é inútil quanto prática sem teoria; as decisões são tomadas através da aplicação dialética de princípios, em face de cada realidade. (MACHADO & MACHADO FILHO, Prefácio).

O ser humano retira da terra tudo o que precisa para a manutenção de sua vida. Dela se obtém a matéria prima para a confecção de seus bens materiais processados e também, o que é gerado de energia viva que nos alimenta. Para que a humanidade pudesse alcançar o estágio em que estamos hoje, foi necessário que houvesse um aprendizado de como mexer com o solo, como cultivar os alimentos, como prepará-lo para determinada cultura, em suma, aprender como extrair<sup>1</sup> dele o que precisamos para manutenção da vida na Terra.

<sup>1</sup> Para Ernst Gotsch (1997) o ser humano deveria se inserir nos processos de multiplicação da vida no planeta, visto que não podemos criar as leis universais, pois estas já estão dadas e o que não se adequa a



A relação entre o ser humano e o cultivo do alimento, pode ser observada com maior propriedade na realidade do campo, onde homens e mulheres cultivam o alimento que irá suprir a necessidade de sua família e a de outras também. É a partir dessa relação entre o agricultor e suas técnicas de cultivo, que podemos pontuar a questão do alimento saudável.

A alimentação saudável possui em seu pilar o cultivo, o manejo, o transporte, o processamento, o preparo, entre outros. É a partir dessa premissa que não podemos limitar o termo de alimentação saudável somente a forma que escolhemos para o preparo de nossa comida. O cuidado com as técnicas utilizadas na produção dos alimentos é fundamental para a obtenção de “produtos” livres de insumos químicos e de tecnologias cujos efeitos sobre a saúde humana permanecem desconhecidos, a exemplo dos transgênicos.

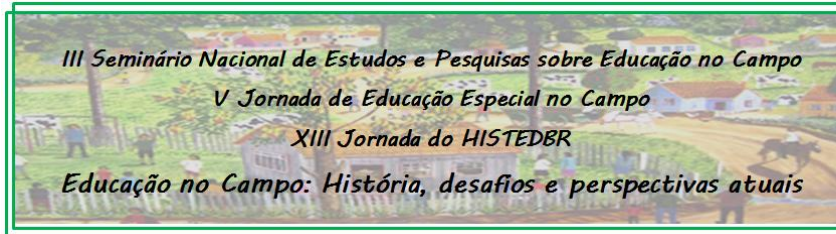
O alimento *in natura*, que chega à mesa da população urbana, tem origem no campo<sup>2</sup> onde é cultivado e manejado. A forma com que o agricultor lida com as culturas em sua propriedade, muitas vezes, não depende de sua escolha ou da melhor época de plantio. O agricultor possui uma série de limitações ao desenvolver suas atividades, sendo a principal delas a questão financeira, precisando de empréstimos para que consiga desenvolver as atividades em sua propriedade. Para que consiga tal empréstimo, o agricultor muitas vezes precisa submeter suas atividades às condições impostas pelo financiador, podendo ir de encontro com as práticas antes realizadas pelos seus ancestrais. Fazendo com que o pequeno agricultor entre na lógica do capital, tornando-se dependente do pacote tecnológico que lhe é imposto.

Tal pacote tecnológico pode vir atrelado com a ideologia de produção de alimentos saudáveis, a exemplo dos alimentos orgânicos. Que são alimentos livres de insumos químicos, mas que são produzidos da forma convencional, sem alternância de culturas, sem interação entre espécies de plantas diferentes, tendo muitas vezes, o

---

elas gera desarmonia. Desde sempre, aprendemos a explorar a terra, a explorar recursos, nunca pensamos e nem imaginamos em criar, cooperando com o sistema natural para a criação de recursos.

<sup>2</sup>Segundo o Censo Agropecuário de 2006 do IBGE, a agricultura familiar é responsável por cerca de 80% dos produtos agrícolas que chegam à mesa do povo brasileiro.



monocultivo<sup>3</sup> como modelo de produção. Gerando uma agregação no valor do produto pelo fato de serem cultivados através de técnicas ditas alternativas.

Dos pacotes acima mencionados, cabe destaque a “revolução verde” que, conforme Odum (2012), compreende o desenvolvimento pela seleção genética de variedades vegetais com altas proporções alimentos/fibras, adaptadas para responder a subsídios maciços de energia, irrigação e nutrientes. Para Machado & Machado Filho (2014) essa não foi nem “revolução” e muito menos “verde”, tendo sido implementada pós II Guerra Mundial como forma de introduzir o capitalismo no campo. Esses autores complementam, que a essência dessa “revolução verde”, hoje gerida pelo capital financeiro, controla o pequeno grupo de multinacionais que detém as patentes das sementes e a produção de fertilizantes e agrotóxicos, cujo objetivo é mudar o ambiente e implantar imensas monoculturas, incorporando grandes contingentes energéticos, via “insumos modernos”.

A agregação de valor desses alimentos a esse capital de investimentos ocasiona o afastamento da população com menos poder aquisitivo e também dos próprios agricultores que fazem ainda uma agricultura em menor escala. Tal quadro contribui, portanto, para a perpetuação da insegurança alimentar da população que não têm acesso a esses alimentos mais saudáveis. Pode acontecer de o agricultor, que cultiva produtos orgânicos para um público com um elevado padrão de consumo, ter que vender seus produtos para que possa comprar produtos mais baratos, cultivados de forma convencional, gerando impacto na segurança alimentar de sua família.

Diante desses cenários, a escola rural é tida por Figueiredo (2012), como um locus ideal para a implantação de projetos de Educação Ambiental e Agroecológica, pois possibilita a construção de conhecimentos, vivências e práticas para crianças, jovens e adultos provenientes de áreas rurais e as ações empreendidas nestes espaços educadores se refletem também nas suas famílias e comunidades. Assim sendo, as escolas rurais são terrenos férteis para ações que visam o desvelamento da estrutura da sociedade atual e de suas possibilidades de transformação (ZAKRZEWSKI, 2007). Através dela, e de outros espaços não formais, torna-se possível a construção de uma

---

<sup>3</sup>Técnica agrícola que traz mazelas ao meio ambiente. Segundo Shiva (2003), a característica crucial das monoculturas é que além de substituir as alternativas, destroem até mesmo sua base. Não toleram outros sistemas e não são capazes de se reproduzir de maneira sustentável.



consciência emancipatória do círculo vicioso de dependência de recursos externos, seja para produção de alimentos, para manutenção dos cultivos, através do manejo, para o preparo das refeições e até para possíveis problemas de saúde na família. Segundo Fortuna (2007), a OMC define que uma das formas de promover saúde é na escola, onde muitas pessoas convivem, aprendem e trabalham, onde estudantes e professores passam a maior parte do seu tempo.

Para tanto, se faz necessária a apropriação deste meio de formação de indivíduos, visto que a escola hoje é utilizada como um instrumento de controle para manutenção da lógica dominante vigente, acarretando assim, a alienação dos indivíduos que se tornam meros receptores dos conteúdos abordados em sala de aula, mantendo a lógica da educação bancária, a qual Freire (1987) conceituava como ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante. Não havendo a participação do indivíduo no processo educativo, não formando sujeitos críticos e não proporcionando a emancipação do ser.

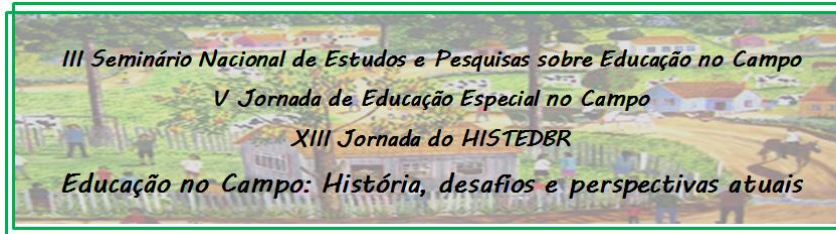
Na medida em que a condição básica para a conscientização é que seu agente seja um sujeito, isto é, um ser consciente, a conscientização, como a educação, é um processo específico e exclusivamente humano enquanto sujeitos sociais (FREIRE, 1981).

A educação, com o viés libertador, deve ser construída coletivamente com participação mútua de seus agentes, numa relação de igualdade na construção do conhecimento. Os educadores, por sua vez, serão vistos como conselheiros humanitários (FREIRE, 1981), sendo parceiros dos educandos nessa construção do conhecimento. Para tanto, é necessário que o educador possua um conhecimento teórico e uma sensibilidade aguçada durante a prática educativa, sabendo contextualizar os assuntos didáticos com a realidade dos estudantes.

O educador do campo deve atentar para a realidade que o cerca: os valores locais, os costumes, a cultura, o ambiente, facilitando assim uma maior contextualização com o meio e possibilitando um trabalho que negue a concepção da educação "urbanocêntrica".

A escola, no lugar de proporcionar-lhe um campo de reflexão sobre sua vida de camponês, acaba impondo-lhe um modelo urbano, que o

**[www.semgepec.ufscar.br](http://www.semgepec.ufscar.br)**  
**27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



domina, transmitindo-lhe um saber reforçador de uma estrutura de desigualdade e de visão entre homens cultos (da cidade) e homens incultos (roceiros). (LEITE, 2002, p. 84)

E assim, contrapor a imagem tão difundida na academia, na política, nos governos que para a escola rural qualquer coisa serve e que para mexer com uma enxada não há necessidade de muitas letras. A ideia também difundida para o paradigma da educação rural, de sua função de diminuir o êxodo rural em prol da permanência da “normalidade” urbana (CORDEIRO, 2009).

Para garantir a valorização da cultura campestre faz-se necessário romper com a ideia de que o campo é uma extensão da cidade, sendo preciso também a formação de currículos e profissionais que neguem tal paradigma urbanocêntrico e que gera, a marginalização do campo. A formação de profissionais para trabalhar de acordo com as demandas da realidade campestre acaba com a adaptação e precarização dos serviços públicos prestados a esta população, não necessitando mais de “profissionais urbanos que levam seus serviços ao campo, [...] sem vínculos culturais com o campo, sem permanência e residência junto aos povos do campo” (ARROYO, 2007). É importante que a população, tanto da cidade quanto do campo, saiba da interdependência entre ambos, pontuando ainda que há uma maior dependência da cidade em relação ao campo, sendo necessário que haja a desconstrução da visão de que o campo é ultrapassado e carente de desenvolvimento.

A valorização da cultura local, a formação de profissionais cuja linha de atuação seja condizente com a realidade de cada local de trabalho, a reformulação dos currículos escolares que estejam de acordo com o contexto das comunidades, um sistema educacional libertador voltado para demanda rural, são ferramentas para que homens e mulheres sejam emancipados e construtores de sua história. Sendo também meios de reverter os índices de escolarização em que as escolas do campo se encontram atualmente.

## **Procedimentos Metodológicos**

### **Pesquisa participante**

**[www.semgepec.ufscar.br](http://www.semgepec.ufscar.br)  
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**

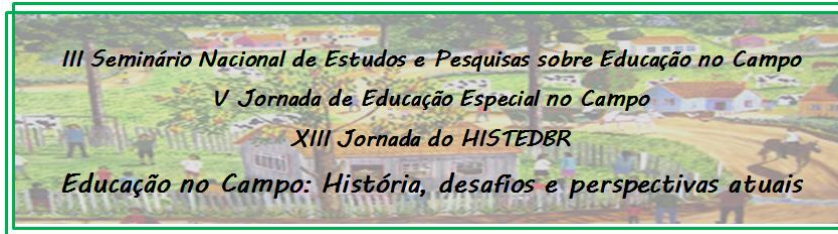


O presente trabalho se propôs a desenvolver uma pesquisa que teve como objetivo principal levantar dados a respeito dos conhecimentos e percepções dos sujeitos envolvidos no projeto, procurando assim, promover reflexão nos mesmos sobre sua realidade e sua atuação, levando até eles possíveis ferramentas e conteúdos adicionais, visando uma atuação para transformação. Como o público a quem se direcionou este trabalho detém nível elevado de saberes e experiências, uma vez que são professoras que atuam e pertencem ao meio rural, e possuem níveis diferenciados de experiência educacional, buscamos utilizar metodologias participativas, visando estabelecer uma relação subjetiva<sup>4</sup> e de troca entre os envolvidos no trabalho, gerando uma produção de conhecimento coletivo e contextualizado.

### **Caracterização da área**

O presente trabalho foi realizado em uma escola do meio rural de ensino fundamental do município de Itabaiana (Estado de Sergipe), a Escola Rural Povoado Mangabeira. O povoado é constituído por 661 habitantes e 211 famílias e possui uma escola da rede municipal de ensino infantil e uma escola da rede estadual de ensino fundamental, a Escola Rural do Povoado Mangabeira (foco da pesquisa). A escola fica em um ponto central da comunidade, em frente à praça principal, onde se encontra a igreja católica local. A Escola Rural do Povoado Mangabeira funciona em dois turnos, com aulas para as turmas do 2º, 3º ano e do “Se liga” pela manhã e para as turmas do 1º e 4º ano no período da tarde, havendo uma professora responsável para cada turma. A escola assiste a 83 estudantes, com idade entre 6 e 15 anos. Segundo a diretora, há grande rotatividade de alunos, já que, de acordo com a cultura local, os indivíduos estão mais voltados para o trabalho do que para os estudos. A estrutura física atual da escola apresenta peculiaridades das construções antigas da zona rural. Possui apenas duas salas de aula, já que antigamente as turmas eram mistas, 1ª e 2ª, 3ª e 4ª séries, com os banheiros localizados do lado de fora do prédio e com uma grande área livre. As aulas acontecem não somente nas salas de aula, mas também há uma turma que estuda no pátio da escola.

<sup>4</sup> Para Brandão (2007), a experiência de trabalho de campo tem uma dimensão muito intensa de subjetividade, assim, todo trabalho de produção de conhecimento se passa através deste tipo de relação.



De acordo com o IBGE (2009), o município de Itabaiana possui população aproximada de 86.564 habitantes. Deste total, aproximadamente 72% residem na zona urbana e 27% residem na zona rural. As escolas rurais de Itabaiana, de responsabilidade do Estado ou do Município, possuem somente o ensino fundamental. As escolas de ensino médio situam-se somente na zona urbana, fazendo com que toda a população rural do município tenha que se dirigir até a cidade para garantir a conclusão dos seus estudos.

### **Elaboração dos encontros**

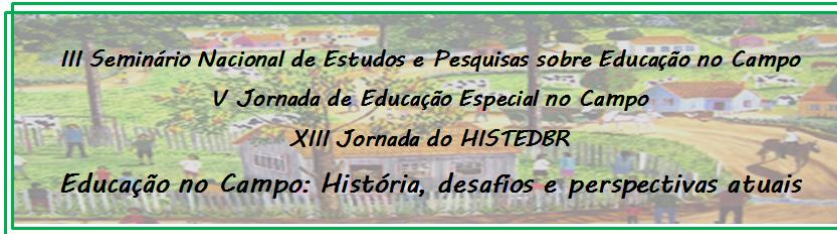
Ao escolhermos trabalhar de acordo com os preceitos da pesquisa-ação-participante, estamos visando a participação coletiva e a integração entre os indivíduos que compõe o presente trabalho. Portanto, foram elaboradas propostas em um plano metodológico que consistiu em três etapas que enfatizam as seguintes questões: o processo de inserção do pesquisador, coleta da temática geradora do grupo com quem se trabalha, organização do material recolhido junto ao grupo e sua devolução sistemática para discussão (OLIVEIRA & OLIVEIRA, 1984).

Visando um maior aproveitamento dos processos que ocorreram nas idas a campo, em todos os encontros, além da observação participante, houve também a gravação dos nossos diálogos e debates, sobre os temas propostos, como ferramenta de coleta de dados. Nossos encontros ocorreram sempre entre os períodos letivos ou após as aulas do turno da tarde, buscando sempre uma melhor data para que todas as professoras e a diretora pudessem estar presentes. O planejamento do projeto segue as etapas da pesquisa-ação-participante tendo sido dividido em dois momentos distintos: três encontros de inserção e levantamento de dados denominados de problematização<sup>5</sup> e dois encontros para oficinas. Buscou-se a intercalação nestes diferentes momentos as três etapas da pesquisa-ação-participante<sup>6</sup>, fazendo adaptações de acordo com nossa realidade. O primeiro contato com o local e com as pessoas que participaram deste

<sup>5</sup> Para (1987), a pedagogia da problematização consiste em buscar anseios do povo, refletir acerca da conjuntura local e pontuar as contradições básicas, como problema que o desafia, lhe exigindo resposta, não só no nível intelectual, mas no nível da ação.

<sup>6</sup>Um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLENT, 2004 *apud* LOUREIRO, 2007).



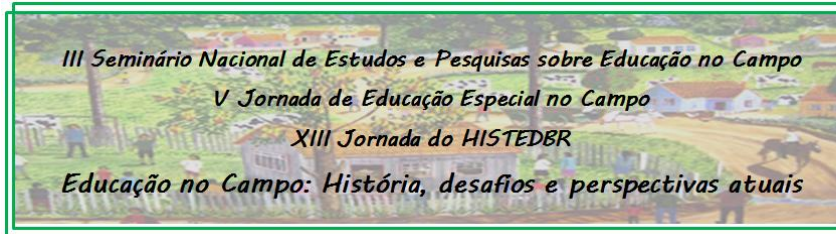


trabalhoteve como objetivo principal convidar todas que compunham o quadro de docentes da escola a participar do trabalho, tendo em vista que é através do diálogo, da troca de ideias que construímos um conhecimento de dentro pra fora, criando e recriando formas concretas de pensar, produzir e dirigir o uso dos saberes a respeito de si próprio e de seu entorno (FREIRE, 1987).

O segundo e terceiro encontros foram o que denominamos de problematização. Para primeira atividade deste processo, utilizamos uma ferramenta de DRP<sup>7</sup> (Diagnóstico Rural Participativo), já que as participantes ainda estavam “livres” de informações externas. Para Verdejo (2006), O Diagnóstico Rural Participativo (DRP) é um conjunto de técnicas e ferramentas que permite que as comunidades façam o seu próprio diagnóstico e a partir daí comecem a autogerenciar o seu planejamento e desenvolvimento. Neste momento propusemos também a confecção de um mapa mental da escola, processo que teve como intuito levantarmos elementos (*landmarks*)<sup>8</sup> para que pudéssemos analisar como as educadoras enxergavam o seu espaço de trabalho e comunidade. Não pretendendo unicamente colher dados dos participantes, mas, objetivando que estes iniciem um processo de auto-reflexão (VERDEJO, 2006), propusemos para o segundo momento deste dia de atividades a dinâmica da teia (LEITÃO; BARCELOS, 2005, p.19), que consistia na construção de uma teia entre os indivíduos presentes, representando materialmente uma interligação entre todos, podendo-se pontuar o companheirismo e a coletividade, como aspectos necessários para o desenvolvimento deste trabalho. Arelado a esta construção, pedimos para que cada participante nos contasse, no momento de sua explanação, um pouco do seu percurso de vida que as levaram à docência, fazendo deste método de trabalho um momento de proximidade interpessoal, com levantamento de dados mais subjetivos, promovendo um envolvimento pessoal do pesquisador com as pessoas e com o contexto da pesquisa (BRANDÃO, 1987).

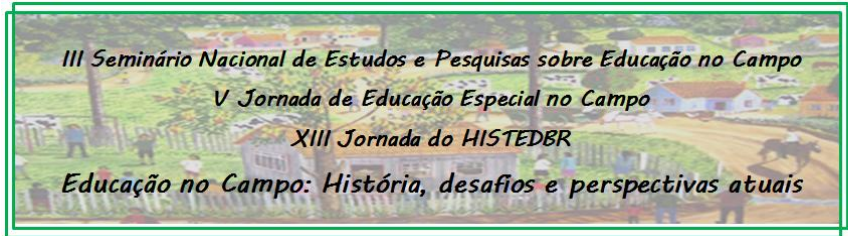
<sup>7</sup> Para Verdejo (2006), O Diagnóstico Rural Participativo (DRP) é um conjunto de técnicas e ferramentas que permite que as comunidades façam o seu próprio diagnóstico e a partir daí comecem a autogerenciar o seu planejamento e desenvolvimento.

<sup>8</sup> Os “landmarks” são pontos de referência ou pontos lógicos, considerados de relevante importância dentro destes estudos, a partir do qual o espaço definido pelo sujeito específico vai estar direta ou indiretamente associado a relação afetiva (cultural em geral e variáveis mais restritivas, tais como: profissão, especialização, experiência de vida, faixa de idade, familiaridade) com espaços, no qual atuam através da seleção mental de dados do ambiente e na expressão externa destes (NIEMEYER, 1994).



Para o segundo dia da problematização, utilizamos duas ferramentas do DRP; mapas mentais e entrevistas semi-estruturadas. Como proposta inicial de atividades do dia, solicitamos as professoras e a diretora da escola que confeccionassem, individualmente, um mapa mental da comunidade Mangabeira na perspectiva de educadoras e de gestora da escola, pontuando os elementos mais importantes da comunidade no entorno da escola, ressaltando aspectos positivos e negativos do lugar.

Para Verdejo (2006), o mapa da comunidade é a junção dos mapas de recursos naturais e o mapa social, tendo como objetivo criar uma concepção compartilhada sobre a situação atual da comunidade em relação a seus potenciais e suas limitações no âmbito produtivo, social, sanitário, etc. Continuamos as atividades propostas para este dia utilizando outra ferramenta de DRP, que consiste no levantamento de dados através de preceitos da entrevista semi-estruturada. Segundo Verdejo (2006), este tipo de entrevista serve tanto para conhecer as limitações da comunidade, ou grupo, como também discutir sobre possíveis soluções. Procuramos trabalhar neste momento através uma metodologia mais lúdica, fazendo com que as pessoas envolvidas no processo estabelecessem uma relação interativa por meio de diálogos descontraídos. Para tanto, desenvolvemos uma dinâmica, chamada “dinâmica do copo”. Esta dinâmica teve por objetivo levantar questões sobre temas geradores à saber: agroecologia, ensino de ciências, segurança alimentar e meio ambiente. Estes temas foram escritos em papéis na forma de frases, músicas, poemas, parágrafos, etc., e foram colocados em um determinado recipiente, o qual foi passando de mão em mão, ao som de uma música e ao final desta, a pessoa que estava com ele na mão, retirava um papel, lia e tecia um comentário a seu respeito. Tendo como base os dados obtidos nesta primeira etapa do projeto, elaboramos um roteiro para a primeira oficina, que teve como temática central a importância da discussão e propostas de ações acerca da “alimentação sustentável”. Buscamos relacionar o tema a diversos eixos, como: ambiental, educacional e da fisiologia humana. Avaliamos que esta oficina tinha como um dos objetivos, levar ao grupo informações científicas, visando a complementaridade de informação recebida por diferentes fontes, mantendo, assim, um cruzamento de dados que incrementa a precisão crítica de análise. Não requerendo para tal grandes acumulações de dados sistemáticos, já que se levaria muito tempo para produzi-los e interpretá-los

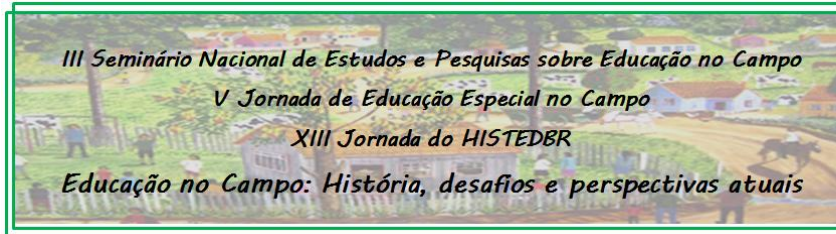


objetivamente (VERDEJO, 2006), mas garantindo o levantamento de questões que promovessem uma reflexão sobre o ambiente que as ronda, de sua prática educativa, etc.

Como em todos os dias de trabalho, até o momento, havíamos garantido metodologias diferenciadas, primando sempre à participação. As atividades propostas para a oficina seguiam este mesmo preceito. Portanto, procuramos apresentar a elas diferentes fontes e formas de informações ligadas ao tema central proposto, mostrando assim, a possibilidade de utilização de diversos recursos para trabalhar determinado assunto. Garantindo também que os meios escolhidos para esta fase do processo educativo, tivessem condições de ser aplicados com os seus alunos, visto que a escola possui instrumentos para tal. Iniciamos as atividades questionando-as sobre o que entendiam por “alimentação sustentável”. Após um breve debate sobre o tema, assistimos um trecho do documentário “Projeto Alimentação Sustentável”, elaborado pela Fundação Banco do Brasil. Este nos daria subsídios para um debate mais aprofundado acerca do tema sugerido para oficina, possibilitando a discussão sobre problemas: sociais, políticos, ambientais, educacionais, culturais e fisiológicos.

Após a discussão sobre o tema de forma mais abrangente, seriam levantados pontos mais voltados à fisiologia humana. Para este momento, apresentamos uma fala, previamente esquematizada, a respeito da importância de uma alimentação saudável e balanceada para o desenvolvimento de crianças e adultos e para uma maior qualidade de vida.

Com a proposta de realizar um momento de percepção do paladar, venderíamos os olhos de todas as professoras e pediríamos para que elas nos dissessem o que estavam comendo e assim concluiríamos nossos trabalhos do dia. A segunda oficina teria um caráter mais avaliativo, procurando incentivar o grupo a estabelecer um diálogo reflexivo a respeito da prática educacional de cada professora, do material didático utilizado por elas no dia-a-dia e também de todo o processo de desenvolvimento deste trabalho. Todas as etapas e atividades desenvolvidas em campo foram registradas através de gravações, de fotografias e da elaboração de diários de campo. Tendo o diário como um instrumento pessoal e parcial, onde foram anotados impressões e sentimentos vividos no ambiente onde se desenvolveu o projeto. Sabemos que cada sujeito de cada cultura vê a realidade de forma subjetiva. Os membros da comunidade e o pesquisador



muitas vezes veem e interpretam o mundo em que vivem de diferentes maneiras. As diferentes percepções levam, necessariamente, a contradições na aplicação e interpretação de alguns instrumentos escolhidos para elaboração do desse trabalho, fazendo-se necessário aprender com as diferentes percepções e interpretações (VERDEJO, 2006).

### Resultados e Conjecturas

Serão apresentados resumidamente alguns resultados em tópicos:

- a) O diálogo<sup>9</sup>entre pesquisador e pesquisado foi eficaz, em detrimento dos costumeiros roteiros de entrevista. Com o diálogo percebeu-se que foi se reproduzindo e a troca de saberes/experiências entre as depoentes e pesquisadores resultando num outro conhecimento, sem a pretensão de conclusões ou mesmo de supremacia de quaisquer saberes. Portanto, a partir dos diálogos iniciais percebeu-se que os objetivos iniciais de aproximação foram de alguma forma satisfeitos<sup>10</sup>, uma vez que houve a conquista da confiança das pessoas, advinda dos contatos durante as entrevistas, das reuniões, das conversas informais e futuramente das próprias atividades das oficinas;
- b) O grupo composto por cinco pessoas, todas do sexo feminino e conta também com a participação, de forma mais esporádica, da diretora da escola. Todas as professoras desenvolvem suas atividades profissionais no ensino fundamental, divididas no turno da manhã e da tarde. A formação: quatro tem formação em Pedagogia e uma em Ciências Biológicas, formação também da diretora da escola. Sendo todas as educadoras profissionais polivalentes;
- c) Os conhecimentos advindos do diálogo, que antecederam à oficina foram, paulatinamente, se constituindo em elementos importantes ao aprofundamento das inflexões sobre a prática docente dessas professoras nesse povoado. O presente, passado e futuro foram observados nos vários diálogos. Todas as professoras da escola têm um sentimento de pertencimento ao local muito

<sup>9</sup>Concebe-se o *diálogo* (Brandão, 1999) como sendo uma noção mais apropriada do que a observação participante, pois a observação participante envolve não somente a participação ativa do pesquisador, como também um envolvimento maior, um compartilhar das atividades externas do grupo e também dos processos subjetivos, dos interesses e afetos que fazem parte do cotidiano das pessoas e desse grupo.

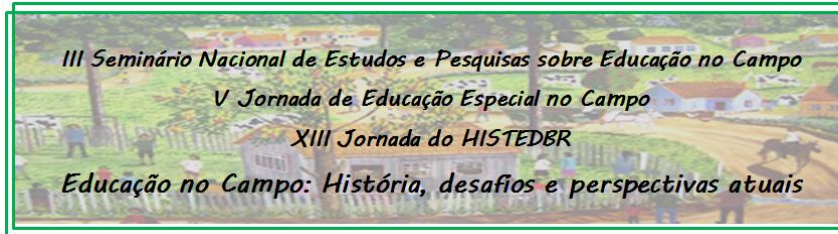
<sup>10</sup> O processo de *tempo de contaminação* pelo projeto de pesquisa (BRANDÃO, 2007);

grande, tanto para a escola como para a comunidade, que pôde ser percebido através dos depoimentos (DRP) e mapas mentais.

- d) **c<sup>1</sup>) Percepção da escola:** as professoras representam através dos mapas mentais elementos da paisagem (*landmarks*) significativos das escolas como as árvores (mangueiras) além de uma organização mais harmônica do espaço didático representando uma visão mais otimista para o futuro da escola;
- e) **c<sup>2</sup>) Percepção da comunidade:** A escola possui escala maior dentro do mapa da comunidade. Assim como nos mapas mentais da escola, todos os mapas da comunidade apresentam elementos naturais e antrópicos. Em todos os desenhos houve a representação da estrutura da escola. Professoras destacaram as questões sociais da comunidade com destaque principal ao papel social desta nesse contexto;
- f) **A percepção dos hábitos alimentares:** os alimentos que chegam até a escola vêm todo de Aracaju, que muitas vezes os itens perecíveis da merenda chegam em um estado ruim para o consumo. Não há na merenda nenhum gênero produzido no próprio povoado, mostrando com isso que há uma produção agrícola local, há possíveis consumidores ‘carentes’ na região, mas não existe nenhuma ligação entre eles. O cardápio diário da escola é enviado pela Secretaria da Educação, que só não é seguido quando a cantina não tem os ingredientes propostos para sua confecção, podendo gerar com isso uma aculturação alimentar, oferecendo para as crianças gêneros que não fazem parte de seu cotidiano podendo ter como resposta a negação de alimentos consumidos historicamente na região e a supervalorização de gêneros alimentícios manufaturados.

### Para finalizar

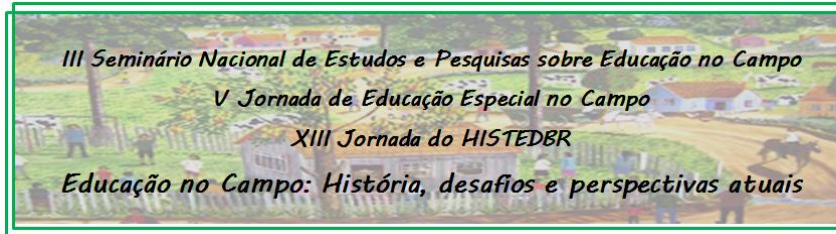
Cabe destaque ao grande desafio dos trabalhos que abordam a questão sócio-ambiental-cultural para que o “ser pedagógico” fosse a florado, nas áreas rurais, tão esquecidas e negligenciadas dentro do processo de ensino-aprendizagem pelos tomadores de decisão.



O processo de pesquisa pela pesquisa-ação-participativa de tornar aquilo que é dito ou discutido, através da captação e (de)codificação dos elementos ou símbolos em dados significativos para o indivíduo, para o povoado visando a aplicação do produto do desenvolvimento intelectual nas atividades do dia-a-dia é um desafio enorme. As intervenções principalmente da universidade versam pelos resultados de maneira pouco objetiva, visto o caráter subjetivo dos resultados. Nas áreas rurais, a imagem do técnico agrícola que chega com o resultado do que deve ser feito para aumentar a produção é muito mais aceito do que o pesquisador na área da educação. A ludicidade no processo ensino-aprendizagem apareceu neste trabalho como ferramenta geradora, fundamental no desenvolvimento das diversas atividades do projeto de pesquisa.

## Referências

- ARROYO, M.G. *Políticas de formação de educadores(as) do Campo*. Cad. Cedes, Campinas, vol. 27, n. 72, p. 157-176, maio/ago 2007.
- BRANDÃO, C.R. *Repensando a pesquisa participante*. Ed. Brasiliense, São Paulo, 1999.
- BRANDÃO, C.R. *Reflexões sobre como fazer trabalho de campo*. Sociedade e Cultura, vol. 10, n.1, p. 11-27, jan/jun 2007.
- BRASIL, IBGE *Censo Agropecuário* 2006. <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/2006/> acessado em 22/01/2015.
- BRASIL, IBGE *Censo Demográfico* 2009. <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/demografico/2009/> acessado em 22/01/2015.
- CORDEIRO, T.G.B.F. Ensino de Geografia, Educação Rural e Educação do Campo: Modernidade, Subalternidade e Resistência. *Rev. Tamoios*, v.5, n. 2, 2009.
- FIGUEIREDO, R.A. Universidades e Escolas Rurais: Uma Interação Possível. In: Brasil. Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Articulação Institucional e Cidadania Ambiental. Boas práticas em educação ambiental na agricultura familiar: exemplos de ações educativas e práticas sustentáveis no campo brasileiro / organizado por Adriana de Magalhães Chaves e Ana Luiza Teixeira de Campos. – Brasília : MMA, Departamento de Educação Ambiental, 2012. 180-4 p.



FORTUNA, Jorge Luiz. *Horta para aprender: Espaço na escola para práticas de educação ambiental e cidadania*. . Revista do professor, Porto Alegre, 23 (89): 29-34, jan/mar 2007.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*,. 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo, 1970. *Pedagogia do oprimido*,. 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. 5ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

GÖTSCH, E. *Homem e Natureza Cultura na Agricultura*. Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá. 1997.

LEITÃO, Artur Monteiro; BARCELOS, Fábio Roberto. *As dinâmicas de grupo no processo de alfabetização de jovens e adultos: o olhar do alfabetizador*. Universidade de Brasília/DF, 2005.

LEITE, S.C. *Escola Rural: urbanização e políticas educacionais*. 2ª Ed. São Paulo: Cortes, 2002.

LOUREIRO, C.F.B. *Pesquisa-ação-participante e educação ambiental: uma abordagem dialética e emancipatória*. In: Tozoni-Reis, M.F.C. (org) *A pesquisa-ação-participativa em educação ambiental: reflexões teóricas*. São Paulo, Annablume, 2007, p. 13-47.

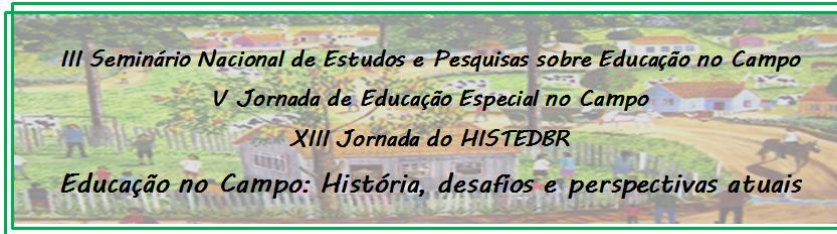
MACHADO, L.C.P., MACHADO FILHO, L.C.P. *A dialética da agroecologia – contribuição para um mundo com alimentos sem veneno*. Ed. Expressão Popular, São Paulo, 2014.

NIEMEYER, A. M. *Desenhos e mapas na orientação espacial: pesquisa de ensino de antropologia*. Textos didáticos. IFCH/UNICAMP, n. 12, 24p. 1994. ODUM, E. *Ecologia*. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 2012.

OLIVEIRA, R. D.; OLIVEIRA, M. D. *Pesquisa social e ação educativa: Conhecer a realidade para poder transformá-la*. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). *Pesquisa Participante*. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

SHIVA, V. *Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia*. Tradução Dinah de Abreu Azevedo, São Paulo, Gaia, 2003.

VERDEJO, Miguel Expósito. *Diagnóstico Rural Participativo*. Secretaria de Agricultura Familiar – MDA. Brasília, DF, 2006.



ZAKRZEVSKI, S. B. *A educação ambiental nas escolas do campo*. In: Mello, S. S.; Trajber, R. *Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola*. Brasília: MEC/MMA/UNESCO, 2007.

[www.semgepec.ufscar.br](http://www.semgepec.ufscar.br)  
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015